

Cronologia e contextos arqueológicos nos sítios de arte rupestre na Vila de Ventura, Morro do Chapéu, Bahia

Carlos Etchevarne, Luydy Fernandes e
Alvandyr Bezerra

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

O projeto de pesquisa “Cronologia e Contextos arqueológicos nos sítios de arte rupestre na vila de Ventura, Morro do Chapéu” tem por objetivo a obtenção de informações contextuais sobre os grupos que realizaram as representações rupestres encontradas no território da vila de Ventura, no município de Morro do Chapéu, Bahia. Efetivamente, conseguir dados sócio-históricos a partir de outros achados arqueológicos, que não sejam somente as pinturas, constitui uma premissa fundamental na construção do panorama cultural sobre as populações pré-coloniais que habitaram o território do que é hoje o atual Estado da Bahia⁴.

O volume extraordinário de sítios com pinturas e gravuras encontrados em toda Bahia permite pensar que se trata de sistemas gráficos que tinham grande eficácia (simbólica e prática), haja vista a extensa distribuição territorial e da variedade de estilos gráficos registrados. Porém, não têm sido apresentados dados temporais e sobre outros aspectos sócio-econômicos desses de grupos pintores e gravadores, em função de não existirem projetos de escavações sistemáticas que permitam a descoberta de artefatos e elementos datáveis.

Assim, o objetivo do projeto consistiu em iniciar um programa de longa duração de levantamento de dados sobre contextos arqueológicos através de prospecções e escavações em sítios com pinturas. A primeira etapa começou em Morro do Chapéu posto que é uma área com alto potencial reconhecido deste tipo de patrimônio. O projeto financiado pela FAPESB está sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica (reconhecido pela Universidade Federal da Bahia e Cadastrado no CNPQ), que já tem longa experiência em pesquisas arqueológicas dentro do Estado da Bahia.

Potencial arqueológico da região

Morro do Chapéu caracteriza-se pela elevada quantidade de sítios arqueológicos pré-coloniais, especificamente os de pintura, se consideramos os demais mu-

1 Universidade Federal da Bahia (Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica); 2 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica); 3 Instituto Julio Cesar Mello de Oliveira (Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica)

4 Pesquisa realizada com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

nicípios que têm sido pesquisados até o momento. Além das ocorrências registradas pela equipe do grupo de pesquisa Bahia Arqueológica, foi informada a existência de um número significativo de locais por parte de moradores da cidade e das vilas, guias turísticos e proprietários de fazendas. Eles apontaram lugares com vestígios de pinturas e gravuras e também indicaram locais com material lítico polido e com cerâmicas que, em todos os casos, foram classificadas como Tupi. Até o presente, pelo menos em termos de sítios com representações gráficas rupestres, Morro do Chapéu se apresenta como o município de maior potencial informativo, já que, além do número elevado, quase todos estão em bom estado de conservação. Precisamente, o excelente grau de integridade de dois sítios de Ventura, Toca da Figura e Toca do Pepino, foi um dos critérios de seleção para o universo de trabalho, neste projeto de pesquisa.

Histórico das Pesquisas em Morro do Chapéu

Os estudos sobre os estilos de pinturas e gravuras em Morro do Chapéu têm sido desenvolvidos de forma descontínua, nas últimas quatro décadas, por diferentes pesquisadores. Trata-se, de fato, de visitas exploratórias ou de projetos de identificação, cadastro e análise iniciais, com abordagens diferentes e nível de detalhamento também diverso.

Nos anos 60, Valentin Calderón, professor da Universidade Federal da Bahia, visita Morro do Chapéu, na tentativa de localizar sítios para o mapeamento que estava realizando na Bahia, conforme os paradigmas do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que nessa época estava sendo desenvolvido. Nessa ocasião, aponta a existência de sítios Tupi e, sobretudo, registra vários sítios de arte rupestre, entre eles os de Lagoa da Velha e da Fazenda Jabuticaba. Cabe destacar que Calderón foi o primeiro a classificar o universo de grafismos do estado da Bahia em tradições e fases, considerando que os motivos antropomorfos, zoomorfos e geométricos eram suficientemente representativos como para delimitar unidades estilísticas (CALDERON, 1983). Com essa macro-divisão ele divide em Tradição Realística (figuras humanas e de animais) e Tradição Simbolística (fundamentalmente, grafismos geométricos). Com seus conhecimentos de arte rupestre europeia e sua sensibilidade aguçada, Calderón identifica, pelo menos de forma incipiente, os elementos fundamentais daquilo que duas décadas depois pesquisadores de Minas Gerais, Piauí e Pernambuco deram em chamar Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição São Francisco.

Em 1998, a convite do geólogo Antônio Dourado, gerente da Companhia de Pesquisas em Recursos Minerais (CPRM), na Bahia, e o Geólogo Adriano Martins, do mesmo órgão, Carlos Etchevarne, do Departamento de Antropologia/UFBA, visita o sítio de gravuras Lajedo Bordado, reconhecendo a existência desse tipo de representações gráficas a céu aberto, no município. Ademais, identifica outros locais com pinturas, como o sítio Espinheiro, em área do domínio dos calcários e, Lagoa da Velha, no domínio dos arenitos (ETCHEVARNE, 1998). Em 2004, a arqueóloga Fabiana Comerlato, no seu estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, registra, pormenorizadamente, a totalidade do lajedo, empregan-

do uma metodologia e equipamentos de campo, com resultados passíveis de serem incorporados a programas de informática. Cabe ressaltar que Comerlato pôde desenvolver este projeto com apoio financeiro da FAPESB e apoio logístico do Laboratório de Arqueologia da UFBA.

Ainda que não centrada na pesquisa arqueológica, deve-se mencionar a dissertação de mestrado de Eliana Navarro, defendida no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz, em 2003. Nela, Navarro apresenta como parte do potencial turístico da Vila de Ventura, os sítios de Toca da Figura e o conjunto de sítios de Igrejinha, do outro lado do rio Ventura, mostrando a relevância desses locais para o planejamento do turismo cultural, promotor de dinâmica econômica sustentável (NAVARRO, 2003).

Durante o desenvolvimento do projeto “Homem e Natureza nas representações gráficas rupestres da Bahia”, EM 2006/2007, a equipe do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica realiza um levantamento arqueológico em várias partes do estado, incluindo Morro do Chapéu. Nesse momento, os sítios de Ventura e de Lagoa da Velha são estudados do ponto de vista dos grafismos, e outros são identificados e, aprioristicamente, caracterizados (ETCHEVARNE, 2007).

Dando prosseguimento às pesquisas sobre arte rupestre, a mesma equipe do Grupo Bahia Arqueológica desenvolveu em 2008/2009, o “Programa de Identificação, preservação e Gestão de sítios arqueológicos de arte rupestre da Chapada Diamantina”, com financiamento da Petrobrás Cultural (patrocínio ao amparo da lei Rouanet e reconhecido pelo MINC). Nesse programa, o objetivo é, além de caracterizar áreas com sítios de pinturas e gravuras, realizar atividades de educação patrimonial com as comunidades em torno dos sítios. Morro do Chapéu encontra-se dentre os seis municípios selecionados, juntamente com Lençóis, Wagner, Palmeiras, Iraquara e Brotas de Macaúbas.

Por último, em 2009, a equipe do Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica com recursos da FAPESB, está desenvolvendo o projeto “Cronologia e Contextos arqueológicos nos sítios de arte rupestre na vila de Ventura, Morro do Chapéu”, que, como já apontado, inicia um programa de contextualização de sítios com pinturas e gravuras, na Bahia.

SÍTIO TOCA DA FIGURA

Localização

O Sítio Toca da Figura, assim denominado localmente, tem por coordenadas geográficas 24L279380/8706886. Situa-se à margem direita do Rio Ventura, no topo da encosta, aproximadamente a uma hora de caminhada da vila de Ventura. A encosta, íngreme, tem cobertura vegetal densa, com árvores de grande porte na base e à medida que ascende torna-se mais esparsa e arbustiva. Próximo aos sítios estende-se vegetação baixa e média, com espécies adaptadas ao solo rochoso, com alguns setores de macambiras e cactáceas. Os riachos e cachoeiras, que atualmente secam em certos períodos do ano, permitem a instalação de vegetação arbórea em torno deles.

Por sobre os abrigos, isto é, na parte superior dos afloramentos rochosos observa-se grande quantidade de orquídeas, da espécie endêmica *Cattleya elongata*, formando agrupamentos de várias plantas.

A vila de Ventura, na beira do rio, originou-se durante o ciclo de extração do diamante e teve seu apogeu, como outras cidades da Chapada, entre o final do século XIX e início do XX. Atualmente, a vila pode ser considerada um núcleo urbano em ruínas. Ainda que existam três casas sendo utilizadas permanentemente e duas eventualmente, as condições de habitabilidade do conjunto da vila são quase nulas, em função da ausência de infra-estrutura urbana.

Alguns setores das áreas dos dois sítios (Toca da Figura e Toca do Pepino) contêm vestígios de terem sido utilizadas por caçadores contemporâneos ou pelo menos do período de auge da mineração: restos de fogueiras, armadilhas e paredes feitas com blocos de rochas, sem argamassa, dividindo o espaço interno de alguns abrigos. Não obstante o risco que esta ocupação tardia poderia trazer para as pinturas, não há sinais de danos nos painéis que lhes possam ser atribuídos diretamente.



Sítio Toca da Figura. Vista geral do relevo colinar com vegetação arbustiva

Ambiente em torno do sítio Toca da Figura

A Toca da Figura encontra-se na Serra dos Becos, chamada assim pela situação espacial que formam vários afloramentos, com passadiços que separam vários afloramentos, formando uma espécie de rede de e comunicações à maneira de ruas

pequenas e tortuosas. Nessas passagens a vegetação é mais alta devido à umidade preservada em lugares de pouca irradiação solar.

O sítio Toca da Figura corresponde a um desses afloramentos, que tem maior visibilidade sobre o vale e sobre a outra beira do rio Ventura, podendo se ver, ainda, a Cachoeira do mesmo nome e o complexo de afloramentos de Igrejinha, onde se encontra o sítio Toca do Pepino, que será pesquisado na segunda etapa do projeto. A distância entre a Serra dos Becos e Igrejinha, em linha reta, corresponde a 5 km, aproximadamente, acedendo-se em aproximadamente 45 minutos, via a cachoeira.

A Serra dos Becos pode ser considerada um complexo de afloramentos de arenito silicificado formando também lajedos, cobertos de vegetação arbustiva. Apresenta vários abrigos, dos quais pelo menos cinco têm pinturas, embora os abrigos de Toca da Figura I e II tenham painéis importantes do ponto de vista da quantidade de figuras e superposições, assim como das variedades de figuras e expressão apurada de certos motivos. Os outros abrigos apresentam figuras isoladas ou conjuntos pequenos.

Os afloramentos de arenito silicificado têm um modelamento do relevo particular, sob a forma de cogumelo, apresentando sempre uma sucessão de camadas superpostas, de espessuras variáveis. Essas camadas correspondem aos paleo-níveis de deposição de areias, hoje muito consolidadas por processos físico-químicos, que as silicificaram. A dinâmica de transformação modeladora contemporânea das superfícies rochosas se deve à erosão e, sobretudo, à descamação dos blocos, especialmente nos ângulos, chegando a se formar desprendimentos côncavos, com bordas agudas. A dureza da rocha e a forma de desprendimento (descamando) resultam em elementos litológicos aptos à preparação de instrumentos ou ao uso sem retoques, como poderá ser visto, na descrição do material coletado.

As superfícies das paredes e dos blocos são muito compactas, homogêneas e a granulometria fina proporciona superfícies alisadas, excepcionalmente aptas para suportes de grafismos. Por outro lado, a coloração dos blocos areníticos é, em geral, bastante igual, nas tonalidades que vão do rosáceo ao violáceo. Esta coloração intensa às vezes anula o contraste com as figuras vermelhas que ficam discretamente visíveis, mas provocam destaque maior quando são figuras brancas e amarelas.

Descrição topográfica de Toca da Figura (abrigos I e II)

O abrigo Toca da Figura I tem dois grandes setores bem definidos: uma grande entrada protegida por uma marquise alta e saliente, que alcança aproximadamente 15 m de altura e 12 m de profundidade. O solo deste setor apresenta grandes blocos rochosos e um tapete de fragmentos desprendidos das paredes do abrigo.

O outro setor, em continuação, tem um solo rochoso sobre-elevado em mais de 1,50 de altura, à maneira de estreita passarela, com pouca proteção da marquise. Neste caso, as pinturas ficam expostas ao sol a partir das primeiras horas da tarde e as chuvas batem diretamente nelas. O primeiro é um setor que admite uma instalação por parte de um grupo humano não muito numeroso. Porém, o segundo não

tem condições de habitabilidade e só pode se pensar como apêndice do primeiro, onde seriam realizadas somente algumas atividades, entre as quais as de execução das pinturas. Derivado desta diferença existe um solo com sedimentos passíveis de serem escavados no primeiro caso e, no segundo, inexistente qualquer possibilidade de escavação, visto que é um patamar rochoso. No setor I além dos sedimentos e um tapete de lascas e desprendimentos naturais, emergem alguns blocos rochosos, de superfície aproximadamente horizontal, com o que pode se pensar que poderiam ter sido utilizados, quando da ocupação humana.



Toca da Figura. Vista geral do Abrigo I.

O abrigo II de Toca da Figura está a uma distância de 100 m do abrigo I, sendo menor que esse, em extensão. A parte abrigada forma uma espécie de L, com um setor umbroso e o outro exposto ao sol da tarde. A marquise é baixa e estreita. Assim este abrigo é menos protegido que o abrigo I, mas, como este, está também orientado para o oeste. Assim, recebe o sol direto pela tarde. Internamente está dividido por uma parede baixa, de blocos de rocha irregulares, sem argamassa, feita por garimpeiros, segundo informações de moradores da vila.

Em ambos os casos, as pinturas nos abrigos foram realizadas principalmente nas paredes. É nas saliências ou nas paredes do fundo, bastante alisadas, onde está a maior parte dos motivos pintados. Alguns frisos que sobressaem, de extensão variável, também foram usados com pinturas de figuras pequenas, dispendo os motivos em horizontal. Nas paredes do setor I do abrigo I, os motivos, foram pintados ocupando-as com intensidade decrescente da parte superior para a inferior. Já no setor II do abrigo I as pinturas se localizam na parte central da parede.

As pinturas no teto distribuem-se, aparentemente, de forma aleatória, havendo uma ligeira tendência a pintar na parte central. Ademais, nos dois abrigos, há exemplos de aproveitamento do relevo e textura das paredes, aproveitando-se das concavidades, saliências e frisos. O caso mais emblemático é, sem dúvida, a cena das palmeiras provavelmente de babaçu, em que se vê um homem que sobe a uma delas para colher os frutos. Esta cena está pintada sobre um pedaço do teto, em que houve um desprendimento que deixou uma parte aproximadamente circular, mais profunda e lisa.

Existem também pequenas áreas de pinturas nos blocos caídos do teto ou então, contrariamente, que emergem do solo, porque formam parte da base arenítica. São superfícies inclinadas ou horizontais que podem ter servido para alguma atividade durante a permanência do grupo no abrigo. Nas partes laterais desses blocos, ou seja, na parte que fica vertical, observam-se, pelo menos, em dois casos, representações humanas e de animais de pequenas dimensões.

Imediatamente anexo à área abrigada, existe um afloramento com camadas areníticas estreitas, formando estratos bem delimitados. Neste afloramento há uma parte abrigada, baixa, atualmente sem possibilidade de abrigar pessoas devido à inclinação do solo. Em um setor da parede desse minúsculo abrigo encontra-se uma cena de pequenas proporções, com quatro figuras humanas, bem desenhadas, aparentemente em posição de realizar uma pirâmide humana.

Por outro lado, deve-se ressaltar os dois conjuntos de miniaturas de zoomorfos, com traços finos e firmes, pintadas em blocos que sobressaem no espaço do abrigo, situados a 1 m de altura em um caso e a 70 cm em outro caso. A posição deles, na parte inferior do bloco, faz com que somente seja possível serem vistos quando alguém deitar olhando para acima. Estas figuras não são as únicas, havendo outras geométricas maiores e sem nexos estilísticos com os zoomorfos.

Caracterização das pinturas

As pinturas de Toca da Figura gozam, em linhas gerais, de bom estado de conservação. Pelo menos, as alterações ocorridas foram produzidas por agentes intempéricos e não por ação humana (antrópica). De fato, pode ser observado que as modificações são produzidas principalmente pela cristalização da sílica, típica deste tipo de rocha, que provoca uma camada tênue, como grandes manchas esbranquiçadas. Essas películas aparecem nas áreas externa e interna, onde há infiltração de água, o que provoca a precipitação da sílica da própria rocha. As manchas brancas podem estar em várias partes do abrigo e em muitos casos se sobrepõem às pinturas, deixando-as parcialmente ocultas.

Se considerarmos um universo total dos abrigos I e II do sítio Toca da Figura observa-se que há predominância numérica de figuras da Tradição Nordeste, encontradas espalhadas em todos os setores. Seguem-se, em percentual, as da Tradição Agreste e por último as da Tradição São Francisco encontradas na entrada do setor I do abrigo I, portanto bem visível a quem chega, e no centro do abrigo II. Algumas pinturas são de difícil enquadramento, como os grafismos simples geométricos e

algumas figuras de animais de grande tamanho que provavelmente devam ser classificadas em estilos não identificados até o momento.

Nos painéis são utilizadas cores vermelho, amarelo e branco, havendo predominância do primeiro, em duas gamas o alaranjado e o arroxeadado escuro. Seguem por quantidade de motivos, o branco, o amarelo e o preto. Também existe a preparação de uma cor creme ou amarelo claro, misturando o branco e o amarelo. Corresponde a duas figuras grandes, localizadas na parte superior da parede do fundo, uma das quais pode ser identificada com um felino. Em todos os casos não parece ter havido a pintura de um único motivo com duas ou mais cores, isto é, os conjuntos gráficos são monocromáticos.

Dentre os motivos pintados sobressaem as figuras antropomorfas, especialmente pela diversidade e pela composição em grupos formando cenas. Os temas cenográficos principais são os confrontos entre grupos, que parecem ser verdadeiras batalhas, e, também a caça ao veado. Porém existem outras cenas únicas com grupos humanos, como a que apresenta três figuras enfileiradas portando grandes sacos nas costas e logo ao lado uma série de tendas com pessoas dentro, proporcionando, além do conteúdo descritivo, um sentido de oposição entre quem está em movimento (andando) e quem está em repouso, detido, parado (embaixo das tendas).

Os veados também demonstram o movimento formando composições ou de forma isolada, através do desenho das extremidades (fletidas e estendidas) em oposição àqueles que estão detidos, em pé (com as patas em posição vertical). Nas composições eles aparecem junto a humanos correndo na frente ou, então, dentro de cercas, em que também há homens em movimento.



Sítio Toca da Figura. Representação de animais e pessoas dentro de um cercado retangular.

As emas são retratadas enfileiradas, em número variável que podem chegar até 15. As pernas abertas, na maioria dos casos, em ângulos superiores a 60 ° mostram muita regularidade na forma de representação. Existem alguns exemplos em que as asas das emas são destacadas do corpo e delineadas com traços finos e arqueados ou rígidos, como se fossem galhos de veados.

Entre outros tipos de zoomorfos, além das espécies mencionadas acima, é possível identificar outras aves (jacus e garças) e um crustáceo, tipo caranguejo. Os fitomorfos estão representados por palmeiras, provavelmente de babaçu, em 3 casos do abrigo I. Um exemplo está pintado em cor arroxeadado, na cena do homem coletando os frutos de três palmeiras. Os outros dois casos são os de figuras antropomorfas

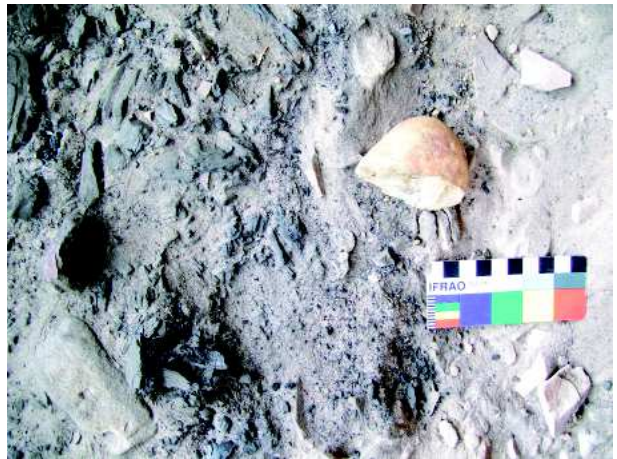
em volta de pés de palmeiras. São figuras altas pintadas com traços finos, em cor amarela bastante intensa.

Os motivos geométricos principais são círculos concêntricos, com elementos radiais, representados de forma isolada. Os semi-círculos bicromáticos da entrada do abrigo I e os que existem na parte inferior de um bloco que sobressaem, do abrigo II, formam conjuntos alinhados. Esses motivos somados a alguns círculos pequenos e cheios, assim como algumas linhas quebradas em ziguezague completam a série de geométricos de Toca da Figura.

As escavações

A abertura de quadras para as escavações se operou considerando o potencial de sedimentos no solo no setor I do abrigo I e na parte central do setor II, neste caso imediatamente embaixo das pinturas dos blocos que sobressaem. Nos dois abrigos, o solo sedimentar se apresenta muito solto, com grande quantidade de matéria orgânica e de fragmentos da rocha do abrigo de tamanho variado (entre poucos centímetros a blocos de 50 cm).

O traçado das quadras foi efetuado na parte mais estreita do setor I do abrigo I, partindo de uma linha regular rente à parede do fundo do abrigo. Na primeira etapa do trabalho foram traçados dois conjuntos de quadras de 1 x 1 m. A primeira seqüência considerando-se o sentido da esquerda para a direita de quem olha para o abrigo, contou com quatro quadras contíguas. O segundo grupo era formado por três outras quadras contíguas. O elemento de separação entre esses dois grupos foi um grande lajedo abatido do abrigo, no qual se inseria a pouca altura do atual nível do solo. Todas essas sete quadras assim demarcadas foram escavadas. Depois, à esquerda desse primeiro conjunto, foi aberta outra quadra da mesma dimensão que as anteriores, na parte maior do abrigo I, próximo a um grande bloco que emerge do solo.



Sítio Toca da Figura. Quadra 05 escavada até o nível em que inicia a fogueira

As quadras apresentam a mesma situação estratigráfica em termos de camadas de sedimentos e de material arqueológico, a saber:

1º camada ou estrato: solo solto, ligeiro, arenoso, cinza escuro, poeirento, com muita carga de matéria orgânica pulverizada ou em fragmentos (coco de babaçu, carvões de madeira, ossos de animais de pequeno porte). Nesta camada ou estrato aparecem lascas de material lítico (algumas aparentemente resultantes de retoques).



Sítio Toca da Figura. Aspecto da estratigrafia da Quadra 04, com nítida identificação das três camadas.

arqueológico.

Outra observação digna de menção refere-se à forma que se apresentam os arenitos silicificados. Os blocos de rocha do abrigo e os que se encontram na superfície do solo são resistentes, duros, consolidados. Porém, quando mais se aprofundam no solo atual eles se tornam friáveis, ao ponto que em alguns locais se desintegram com a pressão feita com um instrumento.

Na escavação da quadra 05 foi encontrada uma fogueira, próximo a um grande bloco de rocha. Iniciada entre 10 e 15 cm ela se adensa e estende depois dos 20 cm avançando para o lado do bloco rochoso. Por esta razão se prolongou a quadra 05 em direção desse bloco, na esperança que pudesse prosseguir em baixo dele. Mas, a fogueira terminava no bloco, demonstrando ter sido feita, já com este *in situ*. Na quadra 06 havia também indícios da mesma estrutura de combustão. A fogueira era espessa, com aproximadamente mais de 2 kg de carvão, sendo coletado para datação radiocarbônica aproximadamente 350 gramas. Alguns carvões mediam até 10 cm de comprimento e pertenciam a um pedaço de madeira afastado alguns centímetros da parte central da fogueira.



Sítio Toca da Figura. Quadra 05 com fogueira

A fogueira era espessa, com aproximadamente mais de 2 kg de carvão, sendo coletado para datação radiocarbônica aproximadamente 350 gramas. Alguns carvões mediam até 10 cm de comprimento e pertenciam a um pedaço de madeira afastado alguns centímetros da parte central da fogueira.

Na mesma quadra 05 foi encontrado um fragmento de seixo, com leves manchas avermelhadas no córtex que, de não pertencer à própria rocha, poderiam ser, *a*

2º camada ou estrato: solo arenoso mais claro que o anterior, entre bege e cinza esbranquiçada. O solo deriva, fundamentalmente, da desintegração da rocha do abrigo. Começam a aparecer blocos de rochas do substrato. Nesta camada aparecem raros objetos arqueológicos líticos.

3º camada ou estrato: solo muito arenoso claro (creme rosáceo), muito solto e com presença marcante de blocos de rochas do substrato. Nesta camada não há material

priori, impregnações de óxido de ferro. Outros dois seixos menores também foram encontrados nessa quadra, porém sem esses traços. Foi surpreendente neste contexto de fogueira o achado de um bloco de hematita de cerca 10 cm de comprimento, com um córtex escuro roxo-amarronzado. Em um extremo observou-se um ponto vermelho vivo, porque a película superficial tinha saltado. Este fragmento apresenta em um setor nítidas marcas de raspagem, com traços feitos em uma única direção, provavelmente, para a realização de pó de pigmentos. Mais dois fragmentos pequenos de hematita também apareceram a poucos centímetros da fogueira.

O seixo com manchas avermelhadas e, sobretudo, os blocos de hematita raspados constituem um excelente contexto de pintura, datado, em função da proximidade com a fogueira, em 2470 ± 30 ans C.B.P.⁵ Foi possível realizar outra datação, a partir de outra fogueira da quadra 02 (ou seja, do outro lado do afloramento da laje), sem elementos que remetam às pinturas, assinalando outra ocupação mais recente do abrigo. A datação foi realizada no mesmo laboratório que a anterior e apresentou uma idade de 990 ± 35 ans B.P.⁶. Isto representa dois momentos de ocupação bem diferenciados no tempo e no conteúdo cultural.

Na quadra 01, a primeira camada natural de cerca 20 cm está formada por solo orgânico e restos de sementes, ossos, e madeiras. Já aos 45 cm o solo é composto de areia cinza amarelada, com a aparição de blocos de rocha arenítica, bastante friável. Dos 50 cm em diante os sedimentos são arenosos claros, muito soltos. A quadra 01 foi uma das quadras em que se escavou mais profundamente, alcançando 80 cm, aparecendo apenas objetos lascados, da própria matéria prima da rocha silicificada.

Entre os 35 e os 40 centímetros de profundidade da quadra 01, encostado à parede do abrigo, achou-se um fragmento cerâmico confeccionado com técnicas tradicionais indígenas. Tem forma quase triangular e 4,5 cm aproximadamente de comprimento do lado maior. Como tratamento de superfície apresenta incisões bem nítidas, em linhas oblíquas paralelas e entrecruzadas. Além desse, nenhum outro fragmento cerâmico foi encontrado no sítio. Suas características não asseguram uma origem pré-colonial, nem sequer de um grupo indígena histórico ou contemporâneo. Apenas que na realização do vasilhame, representado pelo fragmento, foram acionados procedimentos que, não obstante serem de origem autóctone, podem ter sido utilizados por outros grupos sociais.

A quadra 02 mantém, aos 30 cm do solo, as mesmas características com abundância de matéria orgânica e presença de material lascado, especialmente de lascas de retoques. Mais uma fogueira com grande quantidade de carvão foi encontrada nessa quadra 02, iniciando-se logo abaixo dos 10 cm e prosseguindo até pouco antes dos 30 cm. Retiradas de várias amostras para a datação. Mesma situação pode se dizer para as quadras 03 e 04. Ademais, houve uma concentração de plaquetas de tatus e placas queratinosas de tartaruga, havendo ossos deste último animal (plastrão

5 Datação realizada sob a supervisão de Dr. Michel Fontugne, no Laboratoire de Mesure du Carbone 14, Saclay, França. (Amostra SacA 16509/Gif-12415 : Foyer Q5/niv3- 22cm (N°1), 2470 ± 30 ans 14C B.P., $\delta^{13}C = -29,70\%$)

6 Laboratoire de Mesure du Carbone 14, Saclay, França (SacA 16510/Gif-12416: Foyer Q2/niv3- 28cm (N°2), 990 ± 35 ans 14C B.P., $\delta^{13}C = -28,10\%$)

e casco). Nas quadras 06 e 07 a escavação não revelou nenhum outro elemento que não tenha já aparecido em outras quadras e confirma igual estratigrafia.

A quadra 08 foi selecionada para escavação para testar o subsolo da parte mais ampla do abrigo. Conferiu-se que contem muito cascalho de diferentes tamanhos em superfície e nela foram achadas algumas lascas pequenas de sílex, que, por pela sua natureza, são de área fora do sítio. Cabe ressaltar que nas quadras 01 e 02 também foi encontrada grande quantidade de produtos de debitage em sílex.

No abrigo II, quadra 09, o solo apresenta-se, arenoso, cinza esbranquiçado e bastante solto. A parte mais verdadeiramente abrigada é de baixa altura (apenas 2 m em alguns lugares e 1 m em outros). As marquises são pouco pronunciadas na maior extensão do abrigo o que expõe a parte interna ao sol direto da tarde. Um setor umbroso localiza-se no extremo mais próximo do abrigo I, mas foi utilizado para pintar algumas figuras isoladas. A quadra 09 foi escavada sob as pinturas de cervídeos com poucos centímetros (o menor deles tem pouco mais de 1 cm). Somente encontramos pouco material lítico, dentre eles um seixo fragmentado em superfície. A escavação da quadra não avançou muito além dos 10cm, atingindo o substrato rochoso.

Os tipos de materiais coletados: classificação pela natureza deles

Dentre os materiais coletados, destacam-se, pelo seu número, aqueles de natureza lítica. Em termos quantitativos alcançam o total de 996 peças, distribuídos da seguinte forma:

QUADRA	PEÇAS	QUADRA	PEÇAS	QUADRA	PEÇAS
01	348	04	112	07	37
02	228	05	26	08	57
03	78	06	43	09	7

As peças coletadas podem ser classificadas em duas grandes categorias, a depender da matéria prima utilizada:

a) Artefatos confeccionados com a matéria prima do abrigo.

Como pode se esperar, o percentual de objetos de arenito silicificado da rocha do abrigo é muito superior aos confeccionados com matéria prima de outra índole, em função dela ser propícia para produção de instrumentos de corte. Existem peças de todos os tamanhos, porém é nesse tipo de arenito em que aparecem os objetos maiores (superiores a 10 cm). Alguns desprendimentos naturais da rocha adotam a forma apropriada para serem usados diretamente como instrumentos agudos ou, ainda, realizando retoques para delinear o bordo ativo. Muitas lascas são de tamanho médio (entre 5 e 10 cm) e pequeno (menos de 5 cm) e elas constituem bons exemplos de processo de extração proposital, diretamente dos blocos do abrigo ou de desprendimentos naturais. Muitas destas lascas apresentam indícios de terem sido

expostas ao fogo, ou pelo menos mantido contato com brasas ou carvão de fogueiras, já que estão cobertas de uma película escura, parecida à fuligem.

Com relação a este tipo de materiais, vale observar que algumas cornijas das paredes do abrigo parecem ter servido de local de extração das lascas. Algumas arestas que formam os blocos de arenito silicificado, especialmente as que se situam em uma posição fácil de alcançar, parecem ter servido de pontos de retiradas lascas sucessivas, não podendo ser confundidos com fraturas naturais, já que esse tipo de rocha quebra em forma laminar conchoidal. Cornijas com este tipo de evidências, em abrigos de arenitos silicificados, já foram identificadas em outros locais da chapada Diamantina, como nos abrigos de Palmeiras, por exemplo.

b) confeccionados com matéria prima fora do abrigo.

Os objetos produzidos com matéria prima diversa daquela do abrigo têm menos representatividade numérica. Trata-se de seixos de quartzo branco, fragmentados, trazidos da beira do rio Ventura. Dois dos quais, quase inteiros, têm manchas avermelhadas no córtex, aparentemente por contato de pigmentos de óxido de ferro, em possível preparação das pinturas. Do quartzo branco não tem sido encontrado nenhuma lasca ou peça que indique utilização diferente para esta matéria prima. Outro seixo de arenito de granulação grossa, arroxeadado, está também fragmentado e não foi possível, a olho nu, identificar marcas de utilização.

As lascas de sílex são relevantes, não pelo seu número, mas pela própria constatação da presença delas no local. São variadas em tamanho, mas sempre classificadas dentro da categoria pequenas. Algumas são de 1 cm de comprimento, o que pode demonstrar ter havido trabalho de retoque ou de reavivamento dos gumes de instrumentos, *in situ*.

As lascas são de sílex bege translúcido ou amarronzado e, quando opaco, de coloração esbranquiçada, acinzentada, além de haver alguns exemplares de sílex bandado (com faixas finas de cores diferentes). Por enquanto, não foram identificadas as fontes de matéria prima dos diferentes tipos de sílex, não sabendo, por isto, a distância que deveu ser percorrida desde o lugar de origem até o abrigo.

De quartzo hialino (ou cristal de rocha) foram encontradas lascas com retoques muito finos e, também, algumas estilhas, estas indicadoras de um trabalho de produção de objetos desse tipo de rocha, no abrigo.

Material de origem animal

Este tipo de vestígios foi encontrado em todas as quadras escavadas, especialmente nos primeiros 20 cm. São restos de ossos, carapaças, conchas e ovos, pertencentes a aves, pequenos roedores, felinos, quelônios, tatus e gastrópodos. Os ossos são os mais abundantes, porém muito fragmentados, de forma que não foi possível na maioria dos casos a identificação da espécie, a simples vista. Os fragmentos e plaquetas de carapaças mais freqüentes são os de tatu, alguns com fortes marcas de

terem sido queimados. Também foram achados muitos restos do casco de tartaruga, assim como algumas placas da parte ventral, a maior parte desses restos corresponde à quadra 03. Alguns fragmentos de conchas parecem pertencer a bivalves terrestres enquanto outros a gastrópodos grandes, dos quais dois exemplares se encontraram quase inteiros, com buraco visível na carapaça. Alguns restos pequenos de ovos de emas, também foram encontrados, provavelmente usados como alimento.

Material de origem vegetal

Os materiais de origem vegetal são muito abundantes. Os melhor identificáveis são os abundantes restos de cocos de babaçu (*Orbygnia martiana*), que se encontram em quase todas as quadras e níveis superficiais. Sua frequência permite pensar em abundância dessa palmeira na localidade e assim ficaria justificado que na representação da cena com duas palmáceas e um indivíduo subindo para colher cachos, pintada em uma parte alta no sítio, a espécie seja babaçu, visto a semelhança da pintura com a planta original e o fato de ser freqüente, ainda hoje, na região.

Seguem, em termos de percentual, os caroços de azeitona-do-mato (*Rapanea ferruginea*), planta com frutos comestíveis, mas que hoje não são mais utilizados na dieta alimentar. Outros restos de galhos e de sementes não identificadas também aparecem no contexto das quadras escavadas. Foram coletados, mas até o momento não foram analisados para identificação de espécies.

Material mineral para pigmentos

Os únicos elementos minerais que sem discussão foram utilizados para pigmentos são os bloquinhos de hematita, da quadra 5, dos quais, um deles foi raspado para obtenção de um pó vermelho. Alguns fragmentos de cristalizações de sílica podem ter sido usados para fabricação de pigmentos brancos e uns nódulos de coloração creme poderiam ter sido empregados para produzir pigmentos dessa tonalidade, mas não pode ser corroborada ainda esta ideia.

TOCA DO PEPINO

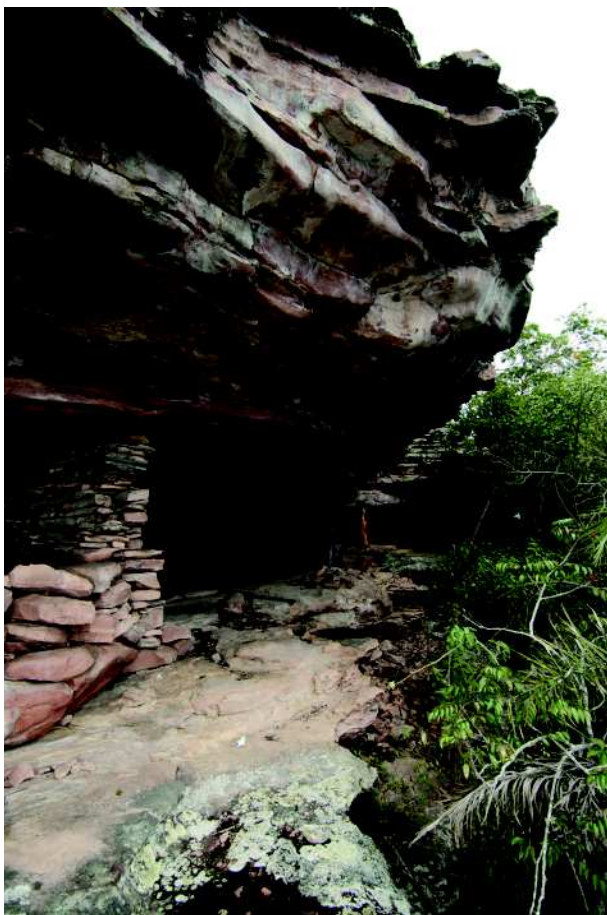
O ambiente em torno do sítio

As coordenadas geográficas de Toca do pepino são 24L 280148/ 8709340. Dista da vila aproximadamente 45 minutos de caminhada, seguindo uma trilha ascendente que parte da igreja e passa pelo antigo cemitério do povoado, hoje em ruínas.

O sítio encontra-se em um local denominado Igrejinha, em função do aspecto que adotam os afloramentos rochosos areníticos. De fato, eles se assemelham a grossas torres de igrejas sobressaindo na paisagem. Com esse formato, pode ser visto o afloramento de Toca do Pepino, junto com outros três, desde o sítio Toca da Figura, separados pela garganta do rio Ventura.

Em linhas gerais, os afloramentos areníticos passaram por um forte processo de silicificação, de modo que as camadas superpostas características desse tipo de rocha na região, são alteradas por descamamento em placas finas, ligeiramente côncavas, de dimensões diversas, bastante duras, mas que podem alcançar mais de 40 cm, em alguns pontos. Cabe lembrar que a dureza do arenito silicificado e a homogeneidade da estrutura petrológica fazem com que este material seja apto para o lascamento, pelo menos de artefatos de feição simples.

Como em várias outras partes do município de Morro do Chapéu e da Chapada Diamantina onde existem arenitos silicificados, o desgaste diferenciado das camadas areníticas provocou um modelamento petrológico muito particular, que se caracteriza, por estruturas em forma de cogumelos. Isto é, obser-



Toca do Pepino. Vista geral do abrigo

vam-se afloramentos em grossas colunas, com base rochosa ampla junto ao chão arenoso, um afinamento imediatamente superior e na parte central e, depois, novamente um alargamento, conformando um teto ou marquise. Desta forma, formam-se setores abrigados por coberturas rochosas planas e horizontais, muitas vezes propícios para a instalação de grupos humanos, onde ocorrem as pinturas.

O sítio Toca do Pepino foi assim chamado por moradores antigos, aludindo ao apelido de um dos membros da família de proprietários do terreno, de origem italiana que, segundo a história oral, teria permitido aos habitantes da vila de Ventura se protegerem no abrigo durante as incursões de cangaceiros, na primeira metade do século XX. Cabe ressaltar que esta vila fica a aproximadamente 45 minutos do sítio, seguindo uma trilha que parte da igreja e passa pelo antigo cemitério do povoado. Não se conseguiu confirmar a veracidade dessa denominação e em especial dessa utilização. Porém, pode ser atestado o uso do espaço por parte de garimpeiros e caçadores, em função das fogueiras em superfície e, sobretudo, as estruturas murárias em pedra que dividem transversalmente as áreas abrigadas. Efetivamente, uma pa-

rede com blocos das rochas do abrigo, superpostas sem argamassa e as ruínas de um recinto retangular, realizado com a mesma técnica de construção, parecem remeter a vestígios de um acampamento temporário, em momentos de caça ou de garimpo, como acontece no abrigo Toca da Onça, também em Igrejinha, e em outras partes da Chapada Diamantina.

Atualmente, em torno do sítio observa-se uma vegetação arbustiva e arbórea, bastante fechada até a entrada do paredão abrigado, que, em alguns pontos, impede a visão para o exterior. A umidade parece aumentar nas fendas das rochas, posto que é o local onde se instalaram filodendros e bromélias, entre outras espécies que precisam de microambientes úmidos. As longas e aderentes raízes dos filodendros, por sinal, são elementos prejudiciais para algumas figuras pintadas.

A rigor o sítio Toca do Pepino, contrariamente ao que acontece na Toca da Figura, não tem visibilidade nenhuma para o entorno circundante, pelo menos não no setor onde aparecem as pinturas. No extremo oposto de onde estão os painéis existe uma sobre-elevação da rocha abrindo-se um amplo salão com solo rochoso, mas com uma vista de pelo menos 150 graus. Não obstante, existir suportes, pilares e teto, apropriados para se pintar, não há nenhum indicio que prove essa prática. Esse ponto extremo do sítio constitui um excelente mirador, seja pela sua arquitetura rupestre, seja pela sua posição estratégica.

Caracterização das pinturas do sítio Toca do Pepino

Em linhas gerais, observa-se uma clara tendência à unidade de estilo. A maior parte das figuras pode ser encaixada na convencional Tradição Nordeste, definida pelas representações gráficas preponderantemente naturalísticas, isto é, com figuras antropomorfás e zoomorfás facilmente reconhecíveis, nas que foram pintados detalhes sobre certos atributos externos, como cocares, lanças, flechas, fundas, propulsores, sacolas, redes, etc. Em alguns setores, a distribuição das figuras, permite pensar que houve apenas um único momento de pintura. Em outros, existem superposições de figuras e, em que pese seja possível enquadrar todas na Tradição Nordeste, há diferenças de tamanho, traço e coloração, o que indicador várias etapas na realização dos grafismos.

O posicionamento das figuras segue o padrão dos outros sítios da Chapada Diamantina, com suportes de arenito silicificado. Ou seja, existe uma preponderância a organizar os painéis de forma horizontal, aproveitando os delineamentos produzidos pelos estratos de blocos areníticos, que dividem as paredes em fragmentos horizontais e proporcionam, na maioria das vezes, frisos de todo tamanho adequados para o desenvolvimento de cenas narrativas ou seqüências gráficas.

Cabe ressaltar que, no caso de Toca do Pepino, o fato de existir superposições não implica reconhecer tempos longos entre um e outro ato de pintar. Pelo contrário, a proximidade gráfica dos motivos aponta para ciclos curtos de pintura e, porque não, para um único momento gráfico, com episódios imediatos.

As únicas representações destoantes, no sítio, ao ponto de serem consideradas intrusivas nos painéis, são um antropomorfo grande e alguns motivos geométricos.

A figura humana tem mais de um metro de altura, pernas em rabo de peixe, corpo segmentado com linhas transversais oblíquas, com braços e pernas. Foi pintado com traço grosso e pouco cuidado, em tonalidade roxa. No setor em que a figura humana deveria ter o rosto, há esboços de olhos, o que constitui uma verdadeira novidade em termos de antropomorfos. Junto a esta figura há um motivo geométrico composto por motivos triangulares sucessivos paralelos, assemelhando-se no uso dos triângulos com outra figura próxima a uma fenda úmida no início do segundo painel do sítio. Esta última inclui-se a combinação do branco e do vermelho. Outro grupo de triângulos em branco e vermelho próximo a uma fenda que divide a parede é o terceiro conjunto destoante. Com exceção destas representações singulares todas as outras podem se considerar estilisticamente aparentadas.



Sítio Toca do Pepino, Ventura. Figura humana transportando uma cesta.

No que tange à técnica de representação, existem dois pequenos grupos de figuras que chamam poderosamente a atenção pelo tratamento técnico dos motivos. O primeiro está formado por duas figuras humanas cujos corpos e extremidades foram realizados com linhas curtas, exemplificando um tipo bem definido na Tradição Nordeste, cabeça ligeiramente triangular e boca aberta. Os braços estão bem fletidos para atrás à altura dos ombros segurando seus instrumentos de guerra e suas pernas dobradas nas articulações, aparentando estarem correndo ou pulando no mesmo local. Os dois indivíduos levam cocares altos, flechas e propulsores, sendo que o primeiro deles tem um instrumento que parece ser uma folha de palmeira ou um conjunto de penas, delicadamente desenhadas com pincel ultra fino.

O segundo exemplo é o de um indivíduo, possivelmente de sexo feminino, com vestes de corpo completo que leva uma cesta nas costas, amarrada a uma fita suporte que passa pela testa, da maneira como transportam suas cestas de tubérculos, as mulheres indígenas de alguns grupos amazônicos. O tratamento desta figura

é, igualmente, delicado e sem dúvida é o ponto culminante entre as representações gráficas deste sítio.

Alguns grafismos compõem cenas de grande força narrativa, como as de captura a veados ou as de batalhas entre grupos (reais ou ritualísticas). No primeiro dos casos existe um diálogo entre as figuras de animais e as humanas, umas respondem, de forma lógica, à ação de outras. No segundo tema os grupos formam situações de antagonismo, expondo sinais de beligerância entre si, demonstrados pelo posicionamento dos personagens e as armas de combate, como os propulsores, flechas e fundas.

Em três locais do sítio encontram-se representações humanas em posição horizontal, isto é como se estivessem deitadas. Formam alinhamentos isolados, composto por 5 ou 6 fileiras e, em que pese alguns desses indivíduos mostrarem ter armas, em outros se percebem pouco os detalhes das extremidades do corpo humano. Em um dos exemplos, o número de figuras humanas alcança 130, sendo todas de tamanho muito pequeno. Fica explícito que, neste caso, os detalhes não contam e sim a noção de quantidade.

Quanto aos pigmentos, há preponderância do vermelho com emprego das suas duas variações cromáticas, o roxo e o vermelho alaranjado. As figuras pequenas são essencialmente roxas chegando a dimensões de miniaturas. As maiores também podem ser roxas, mas há algumas de tamanho grande em tonalidade laranja. Como se trata de figuras muito parecidas, localizadas muito próximas ou contíguas, pode se perguntar se em alguns casos não houve alteração dos pigmentos que sendo originariamente escuros, se transformaram, por influência de alguns agentes naturais, em tonalidades mais claras e alaranjadas.

Escavação de Toca do Pepino

O abrigo apresentava uma boa área coberta, capaz de acomodar um grupo de 20 a 30 pessoas protegidas da intempérie. O piso tinha pouco sedimento, sendo que a sondagem/quadra mais profunda atingiu somente 50 cm. O piso estava composto por grandes blocos aflorando em superfície e grandes lajes que caíram do teto. Algumas estavam em superfície, parcialmente enterradas ou totalmente cobertas pelo sedimento.

Nenhum artefato lítico lascado foi localizado em superfície, a não ser nos “ninhos” de gotejamento, espécies de poças pequenas, nos quais os pingos de água vindos da linha de goteiras provocam a lavagem do sedimento, expondo apenas os cascalhos e eventuais raros artefatos. Esse mesmo fenômeno da presença de líticos nesses ninhos tem sido observado noutros abrigos, sendo tais pontos de grande valia nas prospecções visuais mais rápidas.

Aparentemente, a concentração dos líticos lascados era maior quando se afastava da área recoberta do abrigo. O contorno do solo atual revela-se mais nivelado na parte interna, ao passo que faz um declive, ao deixar a parte coberta do abrigo. As maiores concentrações de líticos lascados correspondiam, a priori, aos níveis

mais profundos dos espaços entre os lajedos, como se as peças tivessem caído entre os blocos, sendo depois recobertas pelo sedimento que se foi acumulando naturalmente.

De um modo geral, as lascas foram realizadas sobre a matéria prima local, o arenito silicificado e os talões em asa de pássaro têm boa representatividade. Uma única lasca apresentou vários negativos de retiradas anteriores, podendo se tratar de alguma pré-determinação.



Toca do Pepino. Detalhe de cena de indivíduos lutando, com clara representação das armas



Sítio Toca do Pepino. Detalhe de cena de luta com flechas, propulsores e fundas

gica na coleção lítica recolhida nas escavações, apesar de análises mais detidas serem necessárias para poder se afirmar isso. Contudo, tal possibilidade parece convergir com a também possível homogeneidade das pinturas presentes nas paredes do abrigo. Tal tendência não parece aplicar-se à da Toca da Figura.

O sedimento, constantemente solto, é bastante escuro próximo à superfície, tornando-se bege claro depois de 20 cm escavados. Contudo, não se pode afirmar que isso decorra do resultado de fogueiras, já que não foi encontrada nenhuma. Deve-se, antes, ao acúmulo de matéria orgânica decomposta.

É possível que haja uma homogeneidade tecnoló-



Toca do Pepino. Painel com duas cenas: uma de luta e outra de captura de veados, com redes ou cercas, com disposição circular das figuras das duas composições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os abrigos Toca da Figura e Toca do Pepino, localizados na vila de Ventura, Morro do Chapéu, podem ser considerados exemplos de um tipo de situação arqueológica presente em vários abrigos da região de Morro do Chapéu e outros municípios da Chapada Diamantina, a saber, os abrigos formados no domínio dos arenitos silicificados.

A arquitetura pétreia se manifesta, basicamente, sob a forma de afloramentos com forma de cogumelo, isto é, a base mais estreita que a parte superior, que, por sua vez, se alarga em diferentes degraus de marquises. As paredes destes abrigos são formadas por camadas horizontais de blocos de arenitos, que parecem ter pautado a organização das representações gráficas. No solo abundam as lajes, restos da erosão dos afloramentos, podendo ter se acumulado uma camada de sedimentos que não supera 50 cm. Em outros casos, pode se alcançar solo arenoso produto da desintegração da rocha.

Os vestígios biológicos encontrados apontam alguns elementos de uma dieta alimentar caracterizada por coleta de frutos (babaçu, por exemplo), e captura de animais diversos, de pequeno porte (aves, pequenos roedores, quelônios, tatus e gastrópodos). É de ressaltar que não foram localizados restos que se possam vincular aos animais que estão mais representados graficamente nos abrigos, as emas e os veados. No que se refere a estes últimos, a ausência de vestígios se faz mais patente posto que eles foram explicitamente representados em cenas de captura, o que supõe um aproveitamento alimentar.

No que tange às duas datações obtidas, pode se afirmar apenas que elas correspondem a dois momentos de ocupação do abrigo. O fato de ter sido encontrado um bloco de pigmento (hematita) e um fragmento de seixo que aparenta ter manchas de pigmentos associados à fogueira maior põe de manifesto um contexto vinculado a um momento de pintura. Porém, precisaria ser definido a qual dos estilos gráficos principais corresponde este contexto, já que além dos painéis das clássicas figuras Nordeste existem outros grafismos geométricos presentes no abrigo. A vinculação poderia ser definitivamente esclarecida com a comparação de exames físico-químicos do bloco e de amostras retiradas dos painéis.

Este projeto pode ser considerado a etapa inicial de um programa amplo que objetiva a construção de um quadro sócio-cultural dos grupos que produziram representações gráficas rupestres, no território baiano. Os vestígios arqueológicos resultantes das escavações em Toca do Pepino e Toca da Figura, ainda que não possam estar associados diretamente aos grupos de pintores, estão incorporados a uma base de dados que permitirão comparações com outros sítios que se projetem escavar.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a dedicada e entusiasta participação nas pesquisas de campo de Daniela Rocha de Souza, Gilmar Morais Barbosa, Fabiano Neri Vieira, Adriano Gomes de Oliveira, da cidade de Morro do Chapéu, e de Renivaldo de Je-

sus Bezerra, Rosildo de Jesus Bezerra, Rosentino José Bezerra e Antônio Carlos Bezerra, da Vila de Ventura. Agradecem também o financiamento outorgado pela Fundação do Estado da Bahia (FAPESB), com o qual foi possível desenvolver a programação de campo no sítio Toca da Figura.

BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, Marilene A. Clima. Projeto Mapas Municipais – Morro do Chapéu (BA) Org. Antonio Dourado Rocha e Ivanaldo Gomes da Costa. CPRM. Salvador. 1995
- Calderón, Valentin. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia. Estudos de Arqueologia e Etnologia. UFBA. Salvador. 1983
- Comerlato, Fabiana. Estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia. Relatório de Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFCH/ UFBA, Salvador, 2007
- Etchevarne, Carlos. Parecer técnico sobre o sítio Lajedo Bordado, município de Moro do Chapéu, Estado da Bahia. Salvador. Digitado, 2000
- Etchevarne, Carlos. Escrito na Pedra. Cor Forma e Movimento nos grafismos rupestres da Bahia. Rio de Janeiro, Odebrecht/Versal, 2007
- Etchevarne, Carlos. As particularidades das expressões gráficas rupestres da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia. Clio Vol. 24 nº 1, UFPE, Recife, 2009
- Martin, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. UFPE, Recife, 1996
- Oliveira, Julio M. de. Cadernos de campo. Manuscrito. Salvador. 2007
- Pessis, Anne M. Imagens da Pré-História. FUNDHAM/Petrobras, São Paulo, 2003
- Sampaio, Eliane Navarro. Ventura: dos Diamantes ao Ecoturismo? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2004